

Público

13-08-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Diversos

Dimensão: 224

Imagem: S/Cor

Página (s): 48

## O RESPEITINHO NÃO É BONITO

# Nadar sem calções



### João Miguel Tavares

O bilionário Warren Buffett sempre foi um especialista em aforismos, e um dos meus preferidos é este: “Só quando a maré baixa é que descobrimos quem está a nadar sem calções.” Em bom rigor, Buffett não escreveu esta frase a propósito da presente crise, mas ela assenta-lhe como uma luva, porque no meio da desgraça que varre o país, esta é uma das poucas coisas boas que a crise nos traz: mostrar a enorme quantidade de gente despudorada que durante anos e anos andou a mergulhar no imenso mar do Estado e seus derivados, agindo como se ele fosse a sua piscina particular.

O resultado da mudança das luas económica e política é este: nos dias que correm, giramos a cabeça e só vemos gente alegadamente respeitável em pelota. Não porque estejamos a viver tempos particularmente imorais, mas porque a maré baixou – o dinheiro foi-se, a torneira fechou, as comadres zangaram-se, os conflitos têm-se agudizado, os jornais são invadidos por documentos arrasadores, e quando damos por nós estamos cercados por

senhores com fato e gravata da cintura para cima, mas tristemente expostos da cintura para baixo. Como sugere, e bem, a frase de Buffett, não foi o número de impostores que subiu em flecha – foi o seu espaço de actuação que diminuiu de forma drástica. O número de impostores é o mesmo, só que a impostura está mais concentrada. Vê-se melhor. Cheira pior. E, conseqüentemente, dá-nos mais volta à barriga.

Teresa de Sousa, num óptimo texto sobre a situação actual, onde de certa forma antecipa o falhanço da nova geração política à direita, sublinha que tanta denúncia encerra os seus perigos: “O problema é que hoje a política portuguesa é feita de ‘casos’ (...) Quando o debate político se limita à discussão dos ‘casos’, não é possível perceber o contexto político em que foram tomadas as decisões nem o que significam. Nem, muito menos, o que se passa realmente na sombra do poder.” O alerta é pertinente, mas eu sou menos pessimista – ainda que muita coisa se esteja a afundar desde 2010, acredito que quase todos nós somos hoje cidadãos mais atentos, mais informados e, com sorte, mais inconformados.

É verdade que temos um enorme défice de discussões substanciais, e que a comunicação social se esgota muitas vezes na pequena polémica.

Mas é preciso não desvalorizar a denúncia dos casos, porque à falta de uma justiça actuante, eles são muitas vezes a única válvula de escape do sistema, sobretudo numa época em que a temperatura é altíssima e a pressão já colocou todos os manómetros no vermelho. Durante demasiado tempo, a imoralidade foi conquistando território ao campo da legalidade, numa descarada legalização da trfulhice através de decretos obscuros. Não se compreende que contratar *swaps* seja legal se o seu objectivo for encobrir défices estatais ou empresariais. Não se entende que comprar acções a preços privilegiados e vendê-las com lucros obscenos, como aconteceu a Cavaco Silva e a Rui Machete, seja aceitável tendo em conta o que aconteceu ao BPN.

A multiplicação de casos tem o perigo de enviesar alguns debates, é certo, porque pode levar a opinião pública a pensar que se eles não existissem o país poderia continuar com a velha vidinha – é mentira, os casos não explicam toda a desgraça. Mas os casos têm, pelo menos, o enorme mérito de nos permitirem apontar o dedo a quem vai nu. E, sobretudo, obrigar muitos privilegiados a pôr os calções antes de se voltarem a atirar à água.

**Jornalista**  
jmtavares@outlook.com